

O TRABALHADOR

INFORMATIONS DE LA C. G. T. EN LANGUE PORTUGAISE

Redaction et Administration : 213, rue Lafayette, Paris-10^e - Mars 1965

35^o Congresso da C.G.T.

Os problemas de acção unida da classe operária e da unidade sindical pelas reivindicações económicas e sociais, pela Liberdade e pela Paz, por uma verdadeira democracia, e as obrigações que disso emanam para o movimento sindical, estão na « Ordem do Dia » do 35^o Congresso Confederal que se efectuará em Ivry, nos dias 16, 17, 18, 19, 20 e 21 de Maio de 1965.

No quadro das organizações da C.G.T., o 35^o Congresso é largamente aberto aos trabalhadores portugueses em França, assim como a todos os outros trabalhadores emigrados. Há, assim, a possibilidade de tomar todo o seu lugar como membros da classe operária deste país, a que na realidade pertencem, tanto no que respeita à sua participação como na orientação que nesse congresso será dada.

O 35^o Congresso coincide com o 70^o aniversário da C.G.T.

A história da C.G.T. reflecte o desenvolvimento e o crescimento da classe trabalhadora francesa, a reforçamento da sua consciência de classe, através de duras batalhas marcadas por conquistas e sucessos importantes e por derrotas dolorosas.

Nestes 70 anos de combate se têm forjado, melhorado, enriquecido as grandes tradições de luta da classe operária francesa, adentro do internacionalismo proletário e da unidade. Destas grandes tradições, a C.G.T. de hoje é a representante autêntica, a sua verdadeira herdeira e continuadora.

Expressão da coragem e da combatividade da classe operária, forte na confiança e na maioridade de classe dos trabalhadores do nosso país, a C.G.T., jovem como o proletariado que ela representa, prossegue o seu combate pela unidade e para conduzir a classe trabalhadora em direcção à meta da sua emancipação, de liberdade social e de progresso.

Conquistas da classe operária

Graças à luta levada a cabo adentro duma completa unidade e decisão, os operários das Fábricas de Papel de St-Vallier (Drôme) acabam de conquistar uma redução de 2 horas de trabalho por semana, sem perda de salário. Desta maneira passaram a trabalhar 42 horas, em vez de 44, semanais, com o mesmo ganho. Isto foi conquistado a partir do 1^o de Março.

Na Fábrica de Celulose SICA, em Alisay (Eure) os trabalhadores conseguiram que as horas de noite fossem aumentadas com 7,5 %. Isto só foi possível depois duma acção persistente do respectivo operariado, que lutou como um só homem para essa conquista.

Reivindicações de hoje - Reivindicações de sempre

A REDUÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO SEM LIMITAÇÃO DE SALÁRIOS

Os patrões procuram tirar o mais possível dos operários que exploram; o aumento do ritmo e da jornada de trabalho, são os meios essenciais empregados por eles para atingirem os seus fins.

Pelo seu lado, os operários reivindicam, além de salários que lhes permitam viver decentemente, melhores condições de trabalho. A redução do tempo de trabalho sem limitação de salários é uma das suas reivindicações fundamentais.

Não é uma reivindicação de hoje. Desde o seu nascimento, que a classe operária a considerou como uma das suas principais reivindicações.

No mundo inteiro, esta questão está na ordem do dia. Em França tornou-se uma questão vital. Milhões de trabalhadores se puseram em movimento para a obter.

ELA NASCEU COM A CLASSE OPERARIA !

Desde a introdução das primeiras máquinas, os patrões as procuraram utilizar ao máximo, fazendo trabalhar os operários com elas a maior tempo possível.

A sua fome de lucro só tem um travão : — a força organizada da classe operária. E mesmo se, num dado momento, está chega a obter quaisquer sucessos, o patronato procura logo em seguida recuperar as vantagens concedidas.

No seu início, a mecanização teve por consequências agravar consideravelmente as condições e a duração do tempo de trabalho. Mas, reunidos nas fábricas, os trabalhadores vão tomando consciência da sua solidariedade. Cedo compreendem que a sua força reside numa união organizada.

(Conclui na pag. 8.)

POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

A condição de vida e de habitação é, sem dúvida, um dos aspectos da situação dos trabalhadores em França mais doloroso e mais dramático.

Quando o poder gaulista e o governo de Salazar assinaram o acordo de emigração, previam, no seu artigo 12, que « as autoridades francesas tomarão as medidas necessárias para que os trabalhadores portugueses encontrem em França o melhor acolhimento », não tinham, decerto, a preocupação de preservar as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores portugueses em França, mas, pelo contrário, de garantir aos monopólios franceses a satisfação dos seus interesses de classe, fornecendo-lhe uma mão-de-obra barata e que eles podiam utilizar, se necessário, contra os outros trabalhadores, ou seja, opôr os trabalhadores emigrados aos trabalhadores franceses, lançar uns contra os outros, para melhor explorar uns e outros.

Com todos vós, trabalhadores, a C.G.T. pode evitar que essa manobra consiga tais fins!

Eis como o governo dos monopólios franceses ajuda Salazar e Franco, esses dois carrascos dos povos português e

espanhol, no momento em que eles encontram enormes dificuldades de ordem social, económica e política : — permitindo-lhes que exportem a miséria, para melhor o ignorarem e a camularem!

Uns e outros fazem, no seu domínio respectivo, o jogo dos capitalistas franceses.

Muitos trabalhadores emigrados, especialmente os portugueses, são alojados em « quartos » bem piores que os dos prédios de Manuel Ferreira — em que morreram três portugueses, recentemente, em Champigny.

Há anos que a C.G.T. denuncia publicamente as ignóbeis condições em que vivem os trabalhadores emigrados. As suas organizações não se poupam a esforços para fazer cessar esta situação, para fazer cessar o escândalo dos « bidonvilles », as barracas sórdidas, as casernas sem ar e sem luz.

Um militante da C.G.T., o saudoso camarada Ambroise Croizet, quando era Ministro do Trabalho, fixara numa circular ministerial as normas de habitação para os trabalhadores emigrados. Esta circular, datada de 26 de Novembro de 1946, existe ainda.

(Conclui na pag. 7.)

CONSULTÓRIO JURÍDICO-SOCIAL

ALOJAMENTO DO PESSOAL

Muitas vezes, os contratos de trabalho comportam o compromisso, pelo patrão, de alojar o seu pessoal. A execução deste compromisso não pode fazer-se de qualquer maneira ou condições. Existe, sobre esta questão, textos legais, nomeadamente o Decreto de 13 de Agosto de 1913 (modificado pelo Decreto de 9 de Janeiro de 1934) que fixa limites abaixo dos quais é proibido descer.

Eis aqui as passagens essenciais :

Decreto de 13 de Agosto de 1913 contendo o regulamento da administração pública no que diz respeito aos dormitórios do pessoal em todas as firmas inscritas (modificado pelo Decreto de 9 de Janeiro de 1934).

Artigo 1º. — A capacidade de ar nos locais destinados aos dormitórios do pessoal nos estabelecimentos visados pelo artigo 65 do Livro II do Código do Trabalho e da Previdência Social, não deverá ser inferior a 14 metros cúbicos por pessoa. Esses locais deverão ser largamente arejados; eles deverão ser, para este efeito, munidos de janelas ou outras aberturas de « chassis » móveis dando directamente para fora. Todos os locais que não sejam ventilados por uma chaminé deverão ser providos de um modo de ventilação contínua.

Artigo 2º. — Os locais destinados ao dormitório deverão ter uma altura média de 2 m. 60, pelo menos; uma altura mínima de 2 m. 40 poderá ser tolerada nesses locais estabelecidos numa época anterior a 4 de Agosto de 1904.

Quando o tecto fizer corpo com o telhado da casa, ele deverá ser impermeável e revestido de um produto isolador, sem espaços vazios.

Na falta de uma espessura de maçonaria de 30 centímetros, pelos menos, as paredes exteriores deverão possuir materiais isolantes duma espessura suficiente para proteger o ocupante, ou ocupantes, contra as variações bruscas da temperatura.

Artigo 3º. — Os casais deverão ter, cada um, um quarto distinto. As peças de uso comum não poderão ser senão para pessoas de um mesmo sexo. As camas serão separadas umas das outras por uma distância de 80 centímetros, pelo menos.

Cada pessoa, ou cada casal, disporá, para seu uso exclusivo, dum leito compreendendo o seguinte : suporte de ferro, ou de madeira, enxergão de molas ou de palha, colchão, travesseiro, um par de lençóis, manta, assim como um móvel ou estante para pôr coisas de uso pessoal.

Artigo 4º. — É proibido obrigar o pessoal a dormir nos ateliers, nos « magasins » ou quaisquer locais usados para coisas industriais ou comerciais.

Artigo 5º. — O chão dos locais destinados aos dormitórios deve ser formado dum revestimento impermeável, ou dum revestimento unido, de maneira que se preste facilmente à lavagem. As paredes deverão ser cobertas, quer seja de uma massa que permita uma lavagem eficaz, quer seja de revestimento de cal (caiação).

(Modificação Decreto de 9 de Janeiro de 1934). — A pintura, ou caiação, será feita todas as vezes que o asseio o exija, e sempre uma vez por ano, pelo menos.

Artigo 6º. — O material enumerado no artigo 3º deverá ser mantido constantemente em bom estado de conservação e de asseio. Os lençóis servindo na cama deverão ser lavados pelo menos todos os meses, ou menos, e, por outro lado, sempre, e de cada vez que as camas mudem de ocupantes.

Os colchões deverão ser cardados pelos menos todos os dois anos e, se forem de palha, renovados pelos menos duas vezes por ano.

Artigo 7º (Modificado pelo Decreto de 9 de Janeiro de 1934). — Os locais destinados aos dormitórios não poderão nunca ser obstruídos e a roupa suja não deverá ficar retida neles. Esses locais deverão ser sempre mantidos em estado de asseio; a limpeza deverá ser feita, quer seja por aspirador, que seja por lavagem, pelo uso de escovas ou trapos húmidos. Esta operação, assim como a limpeza das camas, deverá ser feita todos os dias.

Todas as medidas serão tomadas, especialmente, para a destruição dos insectos e dos parasitas.

Artigo 8º (Modificado pelo Decreto de 9 de Janeiro de 1934). — Será posto à disposição do pessoal água própria e lavabos, na proporção de um, pelo menos, para seis pessoas. Estes lavabos serão munidos de toalhas individuais e de sabão.

Por outro lado, será posta à disposição do pessoal água de boa qualidade para beber.

Artigo 9º. — Os locais destinados aos dormitórios não deverão ser atravessados por tubos condutores de fumos que não sejam devidamente protegidos. Estes locais não deverão ter comunicação directa com as retretes, esgotos, reservatórios de detritos e águas sujas ou poços de águas estagnadas.

Artigo 11º. — O texto do presente decreto e um cartaz indicando, em caracteres facilmente legíveis, as medidas, de higiene e de profilaxia da tuberculose, serão afixados em todas as peças para uso de dormitórios comuns.

Os textos destes cartazes serão fixados por decisão ministerial.

Permanências da C.G.T. para portugueses

NO SENA :

CHAMPIGNY. — Na União Local da C.G.T., 197 bis, rue de Verdun, todos os domingos, das 10 às 12 horas.

LEVALLOIS. — Na União Local da C.G.T., todas as Quintas-feiras, das 17,30 às 19,30 horas.

NANTERRE. — Na União Local da C.G.T., 7, rue de la Mairie, todos os sábados das 17 às 19 horas.

SAINT-DENIS. — Na Bolsa do Trabalho, 4, rue Suger, todos as Terças e Sextas-Feiras, das 17 às 19 horas.

AUBERVILLIERS. — Na União Local da C.G.T., 13, rue Pasteur, todas as Quintas-Feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

VILLEJUIF. — Na União Local da C.G.T., no 1º sábado de cada mês, das 20 às 22 horas.

CHOISY-LE-ROI. — Na União local C.G.T., av. des Alliés, todos os sábados, das 17,50 às 20 horas.

CLICHY. — Na União Local da C.G.T. todos os domingos das 10 às 12 horas.

BOLSA DO TRABALHO-C.G.T., 3, rue Château-d'Eau (Bâtiment). Todas as terças-feiras, das 18 às 19 horas.

NO SENA E MARNE :

MELUN. — Na Bolsa do Trabalho, quai H.-Rossignol. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

NO SENA E OISE :

JUVISY-SUR-ORGE. — Na Bolsa do Trabalho, todos as Quintas-Feiras, das 20 às 22 horas.

NO ISERE :

GRENOBLE. — Na Bolsa do Trabalho, 2, rue Berthe-de-Boissieux. Todas as quartas-Feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

OUVE
E REUNE UM GRUPO DE TEUS
AMIGOS PARA OUVIREM EM COMUM

Rádio Portugal Livre

Transmite nos seguintes comprimentos de onda e com os horários de : 8, às 8,30 h. da manhã, em 50 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45, em 32 metros; e das 0,30 às 0,50, em 36, 40 e 43 metros.

Aos domingos há uma edição especial dedicada aos camponeses e agricultores, das 13 às 13,30 h., em 19,20, 25 e 26 metros.

RÉDUÇÃO do tempo de trabalho para as mulheres

A C.G.T. lançou, através das suas organizações espalhadas por toda a França, uma campanha nacional pela redução do tempo de trabalho das mulheres. Diversas manifestações têm sido efectuadas, em Paris e noutras cidades, para fazer vingar esta justíssima pretensão.

Esperemos que as mulheres emigradas, que são já numerosas em Paris e banlieu, sobretudo, se interessem por este problema que lhes diz directamente respeito. E, seguindo as palavras de ordem da C.G.T., façam causa comum com as suas companheiras francesas, de maneira a reforçar mais e mais a força operária feminina neste país e facilite, assim, a conquista de regalias sociais a que todas têm direito! É que em França trabalham 6 milhões de mulheres. E 6 milhões representa uma força de respeito, se se puser verdadeiramente em luta por uma vida melhor.

GRANDE SESSÃO DE SOLIDARIEDADE aos povos de Portugal e de Espanha

Na grande sala do Palácio da Mutualité, em Paris, efectuou-se em 1 de Março um grande « meeting » levado a efeito por onze organizações francesas da juventude, de protesto contra a repressão dos governos fascistas de Salazar e de Franco sobre os trabalhadores e estudantes desses países ibéricos. Na sala viam-se numerosas palavras de ordem contra o fascismo nesses países e de liberdade para Justo Lopez.

O presidente da U.N.E.F. M. Bernard Schreiner começou por chamar cada um dos representantes das organizações que levaram esse « meeting » a efeito, e que se contava desde os católicos aos comunistas, passando por radicais e socialistas, e incluindo, também, a juventude C.G.T. Em seguida, e com atroadores aplausos da enorme assistência que enchia por todos os cantos a grande sala, chamou para a mesa a viúva do patriota espanhol assassinado Julian Grimau, o poeta do mesmo país, Marcos Ana, com mais de 20 anos passados nos cárceres franquistas e a médica e democrata por-

tuguesa Maria Luisa Costa Dias, torturada e prisioneira durante largos anos nas masmorras fascistas de Salazar. Ainda durante o decorrer do comício, foi chamado para a mesa o antigo ministro do governo republicano espanhol, Alvarez del Vayo, igualmente muito aplaudido.

O presidente da U.N.E.F. descreveu largamente a situação de repressão e de luta em Portugal e em Espanha, a coragem de que dão provas os povos desses dois países ibéricos, em especial a dura luta levada a cabo pelas juventudes estudantis portuguesa e espanhola, que têm posto em cheque, não obstante a feroz repressão policial da Pide e da « guardia civil », a tão cantada solidez desses regimes ditatoriais que só a força das armas tem mantido tanto tempo contra a vontade do povo.

Me Nicolas Jacob, representante de Amnesty International, que recentemente esteve em Portugal, e se disse católico fervoroso, descreveu os horrores de que têm sido vítimas os estudantes, pela parte da criminosa policia politica de Salazar e, em especial, informando que essa mesma policia prendeu um menor de 15 anos, estudante de liceu, que entregou ao tribunal de menores, até atingir os 16 anos, idade em que será entregue às garras assassinas da Pide, que já assassinara seu pai. Ele mesmo, nascido na prisão, está impedido de ser visitado pela própria mãe! É uma crueldade sem nome, única no Mundo civilizado!

Referiu-se, por mais duma vez, à grande admiração, à enorme confiança que aos estudantes portugueses mereceu a U.N.E.F., o que o sensibilizara. Disse que as autoridades recusaram todo o contacto oficial com os estudantes detidos. Mas que tinham falado com os pais, com os advogados e com outros estudantes. De tudo isso ficou a saber que as torturas empregadas pela Pide são ainda mais requintadas que as aprendidas com a gestapo e os repressores fascistas italianos. Mas que a luta corajosa dos estudantes portugueses é uma prova clara que o povo desse país não quer mais Salazar e o seu hediondo regime.

Me Charles Ledermann, da Association International des Juristes Démocrates, falou, depois, de Grimau, da sua coragem e da sua confiança antes de ser assassinado; falou da luta do povo espanhol, dos seus mineiros, dos seus metalúrgicos, dos seus estudantes, sendo, como os outros oradores, muito aplaudido.

Antes de encerrar a sessão, o presidente da U.N.E.F. submeteu à assembleia duas moções de protesto, a entregar, em delegação, nas embaixadas de Portugal e de Espanha, em Paris, que foram aprovadas por aclamação. Lera, antes, o expediente recebido das organizações estudantis de numerosos países da Europa, da França e, mesmo, de Portugal e de Espanha!

EM CHAMPIGNY-SUR-MARNE

TRÊS PORTUGUESES MORREM ASFIXIADOS

Eram sete, numa peça de 5 por 2 metros!

Expulsos do seu país pela miséria e pela incerteza no futuro que o regime fascista lhes trará, tendo deixado lá longe a família, sete trabalhadores portugueses vieram procurar trabalho em França, país de que eles não conheciam nem a língua, nem costumes, nem a maneira de viver. Vindos com um contracto ou clandestinamente, antes de terem posto os pés nesta terra de exílio já pensavam no regresso... Mas antes, era preciso ganhar dinheiro para expedir uma parte à mulher ou à família e para fazer algumas economias com as quais supunham voltar à sua terra e ficar ao abrigo das necessidades.

Num prédio em construção em Champigny-sur-Marne (Seine) uma peça de 5 metros por 2 foi cortada em duas partes para fazer « um quarto » e uma « cozinha ». O tubo dum velho fogão atravessa a divisória. E' aí, amalgamados, esmagados pelal fadiga duma longa e dura jornada de trabalho, que os sete operários portugueses vão descansar, vão dormir. Três de entre eles não acordarão jamais, mortos pela asfixia; os outros quatro estão no hospital.

Os três primeiros, Mário Esteves, Jorge Vieira e Marinha Domingos tinham 17, 19 e 21 anos. Os outros, Aquiles Lourenço (20 anos), João Duarte (37 anos), Simão Joaquim (47 anos) foram salvos duma morte certa por José Marques (37 anos). Este dormia junto da porta. Acordou a meio da noite, fortemente indisposto. Reunindo toda a sua energia e

vontade, titubeante, abriu a janela. Depois, descobrindo os companheiros inanimados, alertou os vizinhos, salvando assim os seus camaradas.

Os bombeiros constataram que o gaz carbónico que se escapara do tubo, demasiado estreito e mal vedado, se tinha acumulado no « quarto » sumariamente mobilado e que será a garagem dum grande pavilhão, pertencente a um constructor português, instalado em França desde 1956.

Nos imóveis que constrói, Manuel Ferreira tem o hábito de instalar provisoriamente, durante os trabalhos, em condições ainda ignoradas, os trabalhadores portugueses que constroem os prédios.

O facto de o partrão ser de origem portuguesa não muda nada à tragédia. Esses três operários portugueses estão mortos, vítimas da ganância patronal. Todos os patrões, franceses ou não, exploram, exploram sem vergonha os trabalhadores e mais ainda se se trata de emigrados.

Trabalhadores Portugueses! Sózinhos, contra o patronato, não tendes qualquer possibilidade de de defesa, de defender as vossas reivindicações. Só nas fileiras da C.G.T., no conjunto de todos os outros trabalhadores em França, podereis, pela união e pela acção, pôr um travão à desenfreada gula dos malditos exploradores e obter, assim, melhores condições de vida e de trabalho : — aquelas condições de vida e de trabalho a que tem direito todo aquele que trabalha e vive do esforço desse seu trabalho!

Milhoes para a guerra

No ano de 1964, o governo policial-fascista de Salazar gastou 6 milhões e 460 mil contos para despesas de guerra! Esta é a despesa dita oficialmente. Naturalmente que muitas outras são feitas com o mesmo fim, mas camufladas nos orçamentos como não descritas. São muitos milhares e milhares de contos que se amontoam aos milhões anunciados especificamente para esses fins militares, e que se escoam por « canais » a que não podem chegar conhecimentos extra-salazaristas...

Para se poder avaliar, embora duma maneira ligeira, o quanto há de loucura e crime numa guerra que todo o mundo sabe de antemão condenada a fracasso (veja-se a que foram condenadas as potências coloniais, ainda há poucos anos senhoras de grandes impérios e, nos entanto, muito mais potentes e grandes que Portugal) tem de dizer-se que o chamado Plano Intercalar de Fomento destinou, para fins agrícolas, e para serem gastos no prazo de 3 anos, 2 milhões e 829 mil contos. Isto quer dizer que, para fazer face às dificuldades de quase 50 % da população activa portuguesa, que na grande maioria vive na mais negra miséria, destina-se pouco mais de 900 mil contos por ano, enquanto que para defender uma causa perdida, mas que vai entretanto enchendo a « mula » dos grandes monopolistas portugueses e estrangeiros, o governo policial-fascista português gastou cerca de 6 milhões e meio de contos, em 1964!

Se dissemos que para as escolas técnicas, por exemplo, foram destinados pelo mesmo Plano somente 140 mil contos, não nos deve surpreender que a grande maioria dos concelhos do país não tenha ainda escolas desse tipo, — o que ajuda a compreender a pobreza de preparação técnica que demonstram os emigrantes portugueses, na sua quase totalidade, vindos para França. Não que lhes falte capacidade de aprendizagem. Esta é-lhes, de maneira geral, fácil, como o demonstram sempre que se depara a oportunidade; mas é a falta de escolas de preparação técnica em número suficiente que impede que o operário português conquiste conhecimentos profissionais que o tornaria mais-útil, tanto na sua terra como fora dela.

Com o dinheiro gasto nessa criminosa guerra que o governo fascista português impôs aos povos de Angola, Guiné e Moçambique, com apenas os 6 milhões e 460 mil contos gastos no ano de 1964, se poderiam ter construído 65 mil casas de cerca de 100 contos cada, o que daria mais de três cidades como Beja e Évora, ou duas vilas como o Barreiro, ou uma cidade como Setúbal!

Num país como Portugal onde a crise de alojamento atinge proporções das mais elevadas no mundo civilizado, esse dinheiro gasto com a guerra aos patriotas africanos seria muito melhor e mais utilmente empregado na construção.

PROBLEMAS DE PORTUGAL

LUTAS POPULARES

As lutas populares são a expressão da vitalidade dum povo.

Acontece, por vezes, que uma ditadura militar-fascista ocupa um país, ou toma de assalto o governo duma nação. Com a costumada e tradicional violência, com o amontoamento de crimes e perseguições, com o problema prisional elevado no mais alto grau, os usurpadores do poder escutam-se a si-próprios, narcisam-se, endeusam-se. E o éco dos seus próprios raciocínios, a sombra da sua própria virulência, obriga-os a acreditarem nos seus desejos, como se de realidades se tratasse...

E é em função dessa crença que os actos criminosos se expandem. Em função disso e da crença (agora já seriamente abalada...) de que a impunibilidade de seus crimes já mais seria perturbada. Então, escudados na força fornecida por uma classe dominante chafurdando na riqueza que a pobreza do povo lhes fornece, em face das correntes que o prendem à aparente submissão, essa classe dominante dá às mãos cheias, derubará quanto se opuser no seu caminho.

Ainda há pouco assistiu-se à luta organizada dos estudantes, na defesa dos seus direitos de associação, de sindicalismo estudantil, na solidariedade para com os seus companheiros presos e torturados pela hedionda corja policial-fascista, na exigência consciente de amnistia para todos os presos políticos, do desaparecimento do cancro no povo português que é o fascismo. E corajosamente manifestaram-se nas ruas de Lisboa. Com a consciência e a valentia próprias da juventude estudantil, tomaram as ruas, assenhorearam-se da alma da cidade!

Mas, à medida que se sabe que o fim da fera fascista se aproxima, mais nos devemos convencer, também, da necessidade do reforço, do entendimento, entre os caçadores que a perseguem de há muito, com tantas e tão grandes baixas sofridas nessa perseguição.

As lutas populares, a batalha de massas, são necessidades do dia-a-dia. No estado em que se encontra um país subdesenvolvido, a um tempo colonizador e colonizado, como é esse pedaço de

mundo « onde a terra acaba e o mar começa », todas as acções do povo, por insignificantes que pareçam, são um grande contributo para o assalto final à toca do leão ferido de morte. O que é preciso, nessas circunstâncias, é multiplicar os golpes, aqui e ali, onde o caminho pareça mais favorável para isso; onde a brutalidade da reacção acenda fogueiras de revolta; onde a necessidade de comer atice fomes de desespero; onde a simples pretensão de querer viver com um mínimo de decência provoque a consciente necessidade de batalhar contra a injustiça e a opressão.

Centenas e centenas de pequenas-grandes lutas foram levadas a cabo, no ano passado, em Portugal. Elas testemunham quanto pode um povo, quando a razão o abraça do seu lado. Elas dizem com clareza que, quando o povo quer, não há armas que abatam a sua pretensão. Na unidade e na disciplina, na capacidade criadora da sua experiência, na riqueza da sua compreensão e consciência, há-de ser encontrada a torrente portentosa que derrubará quanto se opuser no seu caminho.

Mas a fera teve ainda forças precisas para reagir, destroçar, ferir, matar, emprisonar, não obstante a funda ferida que cada vez mais se aprofunda, no coração do fascismo.

Virá o dia, mais longe ou mais próximo, em que o povo, caçador da criminosa e portentosa fera, levará a sua missão de vencida. E por fim a um reino de selva, onde tantos se tornaram criminosos pela convicção de que qualquer que fossem seus crimes eles estavam protegidos pela impunidade.

E destruirá essa máquina policial-fascista criada pelos monopólios para sua protecção e alargamento dominador, crescendo sobre o dorso do povo trabalhador, sangrando-o para sugar-lhes o esforço-riqueza. E batalhará para construir, depois, uma vida mais vida, onde cada membro da colectividade portuguesa possa ter um lugar ao sol.

Sindicato C.G.T. Renault

O próximo Congresso do Sindicato C.G.T. dos trabalhadores das Fábricas RENAULT (que será o 15º) efectuar-se-á em 2, 3 e 4 de Abril próximo, em Billancourt (Seine).

Operários, camponeses e estudantes, lutam!

Damos um pequeno resumo das lutas que se têm verificado em Portugal, que são como que um sério ensaio para o « ensaio geral » por todo o povo desejado: — MOAGEM DE VILA FRANCA. — Os operários desta moagem, depois de várias acções levadas a cabo numa completa união, conseguiram a satisfação ao pedido de aumento de 10\$00 diários. — MOINHOS DE Sta. IRIA, na COVA DE S. IRIA. — Pela luta que fizeram para aumento de salário, os operários desta fábrica conseguiram um aumento de cerca de 10\$00 por dia. Isto deveu-se a unidade e determinação de que deram provas.

— Na TREFILARIA DE SACAVEM, após longa e persistente luta pela melhoria de salário, os trabalhadores desta firma viram-se aumentados em 8\$00 diários. Também conseguiram que a refeição do almoço lhes fosse feita por 2\$50.

— No « DIÁRIO DE NOTÍCIAS », jornal ultra-reaccionário de Lisboa, como a empresa não pagasse os salários como o contracto colectivo prevê, os operários das secções de máquinas de compor, de impressão, gravura, estereotopia, encadernação e casa de obras, fizeram greve, exigindo o cumprimento do salário fixado pelo contracto colectivo. Só retomaram o trabalho depois de satisfeita a justa exigência. Quando, em face disso, a direcção dessa empresa quis tirar com a mão esquerda o que dera com a direita, ou seja, roubar o prémio de produção que de há muito vinha sendo dado aos trabalhadores das máquinas de compor, todos os operários dessa secção pararam o trabalho, na disposição de irem para a greve. Mas, a administração, sabendo a tempo o que se passava, avisou que anulava essa pretensão, pelo que o trabalho recomeçou.

— Em MATOSINHOS, na Fábrica Têxtil de Juta, pertencentes aos tubarões da CUF, houve uma greve por aumento de salários, que durou até sair vitoriosa!

— Os Bancários de Lisboa, Porto e Coimbra dispuseram-se à luta pela revisão do Contrato Colectivo. Fizeram várias assembleias, com a presença de milhares de trabalhadores do ramo bancário, que têm tido a mais larga repercussão.

— Numerosas outras greves têm-se verificado por todo o país. A falta de espaço,

enumeramos apenas as localidades onde se tem lutado e se continua a lutar por melhores salários e melhores condições de vida: CAVAN, CASA NERY (Torres Novas), ALCANENA, VAZ GUEDES, FABRICA DE LANIFICIOS TEJO (Alenquer), CLARAS (Torres Novas), UNIAO FABRIL DO AZOTO (Lavrado), CUF (Barreiro), VALE JUDEU (Loulé), FARO, LAGOS, SILVES, camponeses de S. MARCOS DA SERRA (Algarve), rendeiros da Quinta do Morgado (QUARTEIRA), pescadores de MATO-SINHOS, trabalhadores do Porto de LISBOA, POLVORA DA AMORA, SETUBAL, trabalhadores e pescadores de bacalhau de AVEIRO, mineiros de ALJUSTREL, trabalhadores da seca de bacalhau de PALHAIS, operários da construção civil de PEREIRO (Porto) operários da CALANDRA DA VITORIA e da EFA-ACEC, etc. E reforçando todo este ciclo de pequenas-grandes lutas, as greves dos Estudantes, que têm sido como que o potente clamor que faltava para levantar os democratas do mundo num protesto clamoroso contra Salazar e o seu velho e criminoso regime fascista.

Libertemos Aida Paula

Aida Paula é uma destacada lutadora pela liberdade do povo português a quem a sanha da Pide pretende manter nas suas garras. Tendo terminado de há muito a pena a que fora condenada (dois anos e meio) esta democrata portuguesa continua na cadeia há 6 anos! Cumprida já, além do tempo « oficial » de condenação, um período das famigeradas « medidas de segurança de 3 anos! A criminosa Pide pretendeu a renovação dessas « medidas » por novo período, pois é já conhecida a sua sanha contra quantos democratas se têm mostrado dignos desse nome, como Aida Paula.

Apelamos para todos, homens e mulheres de coração, democratas e não democratas, para ajudar a libertar Aida Paula. Escrevei, telegrafai, enviad mensagens de protesto contra a estadia na prisão desta democrata, e exigindo a sua imediata libertação e a extinção das famigeradas « medidas de segurança » às autoridades portuguesas: PRESIDENTE DA REPUBLICA, PRESIDENTE DO CONSELHO, MINISTRO DA JUSTIÇA, MINISTRO DO INTERIOR, DIRECTOR DA PIDE, todos em LISBOA (Portugal).

Ajudai, Mulheres de todo o Mundo, a libertar AIDA PAULA.

SOLIDARIEDADE

Receberam-se mais as seguintes importâncias:

Rumo à vitória	1.000,00 F
Venceremos	500,00 F
Democratasusos	450 \$ 00

Democratas belgas protestam

DOCUMENTOS ENVIADOS A PORTUGAL CONFORME COPIAS QUE RECEBEMOS:

Senhor Ministro da Justiça.
Lisboa.

Foi com o maior sobressalto que tomamos conhecimento das medidas tomadas pela PIDE visando os patriotas Joaquim Pires Jorge, Blanqui Teixeira, Américo de Sousa, Octávio Pato, Carlos Costa, Aboim Inglês, José Magro, Limdim Ramos, Guilherme da Costa Carvalho, Júlio Martins, João Honrado e outros destacados democratas e dirigentes obreiros, as quais visam o seu deportamento para as Ilhas dos Açores.

Que se preparará na escura rua António M. Cardoso? Qual o fim de tais medidas?

Só o facto de os Açores ficarem situados em pleno Atlântico nos deixa adivinhar a trama sombria medida pela PIDE contra os valentes patriotas acima citados.

E' com temor justificado que tentamos adivinhar a sorte que os espera. Por isso mesmo não podemos deixar de protestar contra esta nova deportação do patriotas, exigindo que tal deportação não seja levada a efeito, e que os citados democratas sejam restituídos à liberdade.

Bruxelas, 14 de Novembro de 1964.
235 Assinaturas.

Senhor Ministro da Justiça.
Lisboa (Portugal).

Foi com a maior indignação que tomamos conhecimento dos maus tratos infligidos aos patriotas — poeta Carlos de Brito, Adolfo Ramos, e Diogo Velez, os quais, encarcerados na Fortaleza de Peniche, estão sendo vítimas de barbaridades sem nome.

Como Homens Livres e amantes da Liberdade, admiradores por quantos lutam por um Portugal maior arriscando a própria vida, não podíamos calar a nossa repulsa por semelhantes procedimentos usados pela PIDE, cuja crueldade e barbarismo são bem conhecidos em todo o mundo.

Assim, protestamos indignadamente contra tão ultrajantes maus tratos infligidos aos valentes patriotas encarcerados na hedionda Fortaleza de Peniche e exigimos a sua imediata libertação.

Bruxelas, 14 de Novembro de 1964.
239 Assinaturas.

ESCU TA
E REUNE OS TEUS AMIGOS PARA ESCUTAREM EM CÔMUM

A VOZ DA LIBERDADE

Que emite todas as quartas-feiras e sábados, à meia noite e um quarto, nas bandas dos 230 e 320 metros e, em ondas curtas, nas bandas de 25, 31 e 49 metros.

Um protesto do sindicato

NACIONAL DE JORNALISTAS C.G.T.

Há mais de um mês que o governo-fantoches dos imperialistas, no Congo, com o já celeberrimo « tiroir-caisse » Tshombé à cabeça, prendeu o jornalista soviético Nicolas Khoklov, correspondente da agência « Izvestia ».

Em face desta situação atrevida e provocadora, diversos têm sido os protestos feitos ao governo de Léopoldville. Um dos mais recentes que conhecemos foi feito por Jean-Maurice Hermann, secretário-geral do Sindicato Nacional dos Jornalistas C.G.T., e em nome deste, que exige a imediata libertação desse jornalista, que no Congo estava em missão exclusiva da agência noticiosa de que era representante.

Campanha de natal

Além dos totais indicados no nº anterior, referente à « Campanha de Natal », receberam-se mais as seguintes listas : N° s. 74 (Itália) 30.000 liras; 1016 (JD) Geneve : 24,30 F; 1018 (JD) Hannover : 24,00 F; 1024 (JD) Grenoble : 16,00 F; 1281 (La Cootypographie) 105,00 F; 44 e 39 (Ari) Colombes : 15,00 F e 5,00 F; 219 (Cinco Amigos) Paris : 10,00 F; 104 e 105 (JRG) Draveil : 23,50 F e 12,00 F; Lista (A.R.) Antony : 20,00 F; Port. Aubervilliers : 150,00 F.

A's pessoas que ainda têm em seu poder listas desta campanha, pede-se para que as devolvam, quaisquer que sejam os resultados das mesmas. Há toda a necessidade e urgência em regularizar este assunto.

Festa da U.E.P.F.

No Domingo Gordo (como deve « saber » bem aos portugueses lerem este nome tradicionalmente português!) a União dos Estudantes Portugueses em França levou a efeito, em Paris, uma Festa de Carnaval, que decorreu bastante animada.

Correspondentes

Temos interesse em contar com correspondentes de « O Trabalhador » nas várias localidades onde existam portugueses. Os que puderem e quiserem desempenhar esse cargo, poderão escrever-nos avisando dessa pretensão.

O 31 DE JANEIRO EM PARIS

APROVADOS NO ALMOÇO
TELEGRAMAS
COMEMORATIVOS DO 31 DE JANEIRO
EM PARIS

Ministro do Interior, Terreiro do Paço, LISBOA.

Portugueses comemorando em Paris heróico exemplo Revolução 31 Janeiro, constataam extensão agravação repressão criminosa arbitraria desumana sobre homens e mulheres, velhos e jovens, e crianças culpados somente de defenderem seus direitos legítimos, sua liberdade.

Vossa Excelência, seu governo e PIDE responsáveis tais crimes.

Reclamamos libertação imediata presos vítimas Medidas Segurança como Manuel Guedes. Exigimos não transferência presos para Açores.

Protestamos contra recente brutal repressão em Moçambique torturando, matando, muitos africanos, varios europeus. Reclamamos libertação todos presos coloniais, cessação Guerras.

(Aprovado por unanimidade pelos presentes (mais de 200).)

Presidente da República, LISBOA

Mais de duas centenas de portugueses reunidos Paris, em almoço comemorativo gloriosa data 31 Janeiro, protestam enérgicamente contra acção repressiva do governo sobre os estudantes e contra a actuação criminosa da PIDE e exigem imediata libertação de todos os estudantes presos.

(Aprovado por unanimidade.)

MOÇAO.

Os democratas portugueses reunidos na data histórica do 31 de Janeiro manifestam o seu vivo apoio à luta dos estudantes pelos seus direitos de liberdade académica e pela libertação dos seus colegas presos.

Os democratas portugueses reunidos na data histórica do 31 de Janeiro decidem enviar :

1. à Cruz Vermelha Internacional uma carta solicitando uma imediata investigação às condições em que se encontram detidos os estudantes de Lisboa, em especial às condições de saúde mental de Virginia Azevedo e Máximo Vaz Guedes depois de brutais interrogatórios de que foram vítimas pela PIDE.

2. à Comissão Permanente para a Liga dos Direitos de Homem, generalizando o texto precedente à escala de todos os setidos políticos.

(Aprovado por unanimidade.)

MOÇAO.

Democratas portugueses, reunidos em Paris, para comemorar o aniversário da revolução de 31 de Janeiro de 1891, saúdam a Frente Patriótica de Libertação Nacional e insistem, para que os seus

objectivos se concretizem em actos que acelerem a liquidação do fascismo em Portugal, conjugando a rigidez política e revolucionária contra o inimigo número um do nosso povo com um espírito de unidade eficaz e esclarecido mas não sectário. Nessa unidade poderão entrar todos os portugueses capazes de uma adesão activa à construção dum Portugal livre e democrático.

Nas presentes circunstâncias, a união dos democratas portugueses numa luta sem quartel contra o salazarismo, é acto de salvação nacional porque nós pugnamos :

- Contra un governo totalitário e disposto a conduzir o nosso país à ruína económica e à hipoteca financeira ao estrangeiro, para se aguentar no poder custe o que custe ao povo português.
 - Contra a escravidão política de todo um povo ao jugo policial da PIDE que o persegue, tortura e mata, quando reclama as mais elementares liberdades publicas ou quando protesta contra salários de miséria ou impostos falhos de justiça social na sua imputação.
 - Contra a desumanidade e falência certa duma guerra colonial que só aproveita aos grandes potentados exploradores das gentes e territórios ultramarinos e aos monopolistas nacionais e internacionais.
- (Aprovado pela maioria esmagadora.)*

Liberdade para Manuel Guedes

Cresce por toda a parte a onda de protestos, que se avoluma em direcção às autoridades portuguesas, pela desumana manutenção na cadeia, de Manuel Guedes, o denodado democrata com cerca de 20 anos de prisão!

A todos os que sentem o calor da humana solidariedade para com os lutadores pela vitória da democracia em Portugal, apelamos no sentido de ajudarem a salvar Manuel Guedes, cuja vida corre perigo entre as masmorras salazaristas-pidescas, dado o seu crítico estado de saúde!

Endereçai mensagens, telegramas, moções de protesto contra a continuação de Manuel Guedes na cadeia!

Dirigi esses documentos de protesto, ao mesmo tempo que pedindo a AMNISTIA para todos os presos políticos, a :

PRESIDENTE DA REPUBLICA, Lisboa (Portugal).

PRESIDENTE DO CONSELHO, Lisboa (Portugal).

MINISTRO DA JUSTIÇA, Lisboa (Portugal).

POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

(Conclusão da página 1)

Mas os patrões consideraram-na letra morta e os poderes públicos responderam-nos sempre que eram impotentes para a fazer respeitar. O governo francês fecha os olhos para que (entre outras razões) no espírito dos « habitantes » dos « bidonvilles » e do resto da população, a responsabilidade desta praga social caia sobre as municipalidades operárias, que tantas vezes intervieram junto dos prefeitos para que seja dado um tecto decente aos habitantes destas aglomerações, aglomerações que são um autêntico inferno para os emigrados e uma desonrosa vergonha para o governo gaulista.

O problema não é menor no que respeita às casas que os patrões da construção civil e da metalurgia se gabam de pôr à disposição dos seus empregados emigrados.

Num só ano, a Citroën recupera dezenas de milhões de francos graças ao aluguer que impõe aos locatários das suas « casas » ! A Federação patronal da construção mete no bolso centenas de milhões de francos de igual modo !

Por outro lado, estas « casas » são, na maior parte das vezes, simples casernas, com um guarda ou porteiro que proíbe a entrada a qualquer pessoa estranha excepto, excepto, diga-se de passagem, aos representantes da Igreja... E compreende-se porquê...

A C.G.T., velando pelos interesses da classe operária deste país, tem no seu programa de acção para os trabalhadores emigrados as reivindicações seguintes, no que diz respeito à habitação :

- Igualdade de direitos no acesso aos alojamentos;
- Subordinação da instalação de « Foyers » para emigrantes ao parecer favorável das autoridades sanitárias locais, nos quais os trabalhadores possam gozar duma completa liberdade, tal qual como qualquer locatário em qualquer prédio;
- O montante do aluguer deve ser calculado segundo a legislação em vigor;
- Os trabalhadores emigrados devem poder participar, através de delegados, na governação destes « Foyers » e deve ser reconhecido o direito de acesso aos representantes da organização sindical.

Este programa respeitante ao alojamento, cuja elaboração será completada no quadro da preparação do 35º Congresso Confederal da C.G.T., a realizar dentro em pouco, não é limitativo. Compete aos trabalhadores emigrados, através das organizações sindicais C.G.T. onde sejam aderentes, acrescentarem mais aquilo que acharem justo.

Se a satisfação das reivindicações depende da luta de todos os trabalhadores, ela depende também da parte que cada qual tomar neste justo e necessário combate.

Assim, trabalhador português, o vosso lugar é na C.G.T., no combate da classe operária deste país, não só para defender o vosso pão, mas para defender também, no meio da mais resistente unidade, e segurança no trabalho, a defesa dos mais justos interesses dos que vendem a sua força para o progresso desta nação, a defesa da Liberdade e da Paz.

O TEMPO DE TRABALHO EM FRANÇA

Segundo recentes estatísticas, a França é um dos países da Europa em que as horas de trabalho são as mais elevadas para os operários. Em média, cada trabalhador sua força e riqueza-produção durante cerca de 46 horas por semana — o que é muito mais que na Alemanha, Inglaterra, Itália, etc.

E' por isso que a C.G.T. batalha presentemente com toda a força da sua poderosa organização, para que seja conquistada a SEMANA DE 40 HORAS, para todos os operários, sem diminuição de salário !

Nesta luta podem, e devem, entrar todos os trabalhadores neste país, franceses e emigrados, lado a lado, soldando a sua força uma à outra de maneira a tornar invencível, essa e outras decisões operárias que sejam tomadas.

SESSOES DE CONFRATERNIZAÇÃO

Em 14 de Fevereiro último, na Casa dos Sindicatos, em Paris (10º), realizou-se a 2ª festa deste ano levada a efeito pela Associação dos Originários de Portugal.

Apesar dos filmes previstos não terem sido exibidos, devido a deficiências técnicas de última hora, as variedades e o baile decorreram com entusiasmo, o que é justo destacar nestas festas de convívio, de confraternização de trabalhadores portugueses em terras francesas.

Como numa sala em frente daquela em que essa festa se estava realizando havia uma outra feita por trabalhadores espanhóis, a certa altura verificou-se uma confraternização operária entre gente dos dois países ibéricos, num espírito de compreensão e camaradagem antifascista, que a todos agradou.

Foi lida, votada e aprovada por aclamação, uma moção de protesto contra a intervenção das tropas americanas no Vietnam, moção essa entregue na embaixada dos E. Unidos em Paris.

A agressão americana contra o Vietnam

Por todo o mundo se levanta uma onda de vigorosos protestos, contra o monstruoso crime que os americanos estão a levar a efeito, cada vez com maior número de forças e maior violência, sem o mínimo respeito pelas obrigações internacionais e pelo direito soberano de independência que cada nação dispõe. Esta criminosa intervenção nos assuntos do Vietnam está levando o mundo às portas da guerra generalizada, com as inconcebíveis consequências que dela poderão advir, na era atômica em que vivemos.

Em França, a maré de protestos contra essa criminosa actuação americana cresce de mais em mais. O Bureau Confederal da C.G.T. endereçou um telegrama de indignado protesto. Numerosas outras organizações da C.G.T. têm enviado moções, protestando contra a actuação americana no Vietnam, entre as quais : Sindicato Forclum C.G.T., Sindicato da Federação C.G.T. de papel-cartão e distribuidores de imprensa, das Papelarias Beghin, em Corbehem (Pas-de-Calais); do Sindicato C.G.T. dos Estabelecimentos Rouchet, em Saint-Maur; do Sindicato geral do Livro (grupo dos jornais); da Federação dos Trabalhadores da Metalurgia C.G.T.; da Federação nacional dos meios de Transporte C.G.T., etc.

Aulas de francês e de alfabetização

Reabriu, há algum tempo, a escola de Pantin, para trabalhadores portugueses, agora a funcionar não só com cursos de francês mas, também, com o de alfabetização.

Estas aulas são dadas numa dependência da CGT, de Pantin, mas por jovens professores da Associação dos Originários de Portugal, e funcionam às Segundas e Quintas-Feiras, das 20 às 22 horas.

A frequência tem sido bastante razoável. Para os que puderem e quiserem frequentar essas aulas, gratuitas, eis o endereço : Bolsa do Trabalho, 46, av. Edouard-Vaillant (Aos « Quatre Chemins », Métro : Porte de la Villette).

“La Vie Ouvrière”

l'hebdomadaire de la C.G.T.

est en vente auprès des diffuseurs, des syndicats de la C.G.T.,

à LA VIE OUVRIERE
18, rue des Fêtes, PARIS-19º

Abonnements : CCP 4119-17 Paris

6 mois : 19 F.

1 an : 36 F.

Etranger : 50 F.

UNIDOS NA RECORDAÇÃO como em fevereiro de 1962

A 8 de Fevereiro de 1962, Paris manifestava-se contra os crimes dos fascistas da O.A.S. e pela paz na Argélia.

No metro Charonne, nove trabalhadores, nove dos nossos camaradas sindicalizados na C.G.T., foram massacrados pela polícia.

A 13 de Fevereiro, Paris replicava, fazendo, num imenso movimento de unidade, enormes funerais a estes mártires. Um milhão de trabalhadores assistiu ao enterro.

Três anos se passaram, já, o poder gaulista, cúmplice nesse monstruoso crime, nem sequer fingiu procurar os responsáveis. Papon e Frey continuam nos seus lugares oficiais. Nada foi feito pelo poder gaulista para ajudar as famílias das vítimas assassinadas e os feridos de 8 de Fevereiro de 1962.

Mas Paris recorda-se. A 13 de Fevereiro passado, ao apelo da União dos Sindicatos do Sena e de Sena-e-Oise, C.G.T., U.D. do Sena F.O., C.F.D.T. (C.F.T.C.), F.E.N. e U.N.E.F., uma multidão considerável se deslocou ao cemitério de Père Lachaise para homenagear o túmulo dos nossos camaradas assassinados

Também muitas organizações e partidos democráticos aderiram a esta comemoração, como sejam o Partido Comunista Francês, o Partido Socialista S.F.I.O., o P.S.U., o Partido Radical e Radical Socialista, a Liga dos Direitos do Homem, a Liga do Ensino, etc.

Homenagear a lembrança de mártires da liberdade é ter sempre bem presente que o dever de cada operário é lutar por essa bela e justa tarefa, é seguir o caminho que esses 9 sindicalistas franceses, no número dos quais estava um jovem de 15 anos e meio e três jovens mulheres, não puderam mais trilhar, abatidos pelas matracas assassinas da polícia.

43º Congresso da U.D. C.G.T. DO SENA-E-MARNE

Nos dias 26 e 27 de Março corrente, efectuar-se-á, na Sala de Festas de Dammarie-les-Lys, em Sena-e-Marne, o 43º Congresso da União dos Sindicatos Confederados C.G.T. desta região.

No primeiro destes dias, as sessões serão começo às 8,15 horas, na parte da manhã e às 14 horas, após o almoço; igual horário se verificará no segundo e derradeiro dia desse Congresso.

No Relatório a ser lido neste Congresso, que antecede o 35º Congresso Confederal a efectuar-se de 16 a 21 de Maio de 1965, em Ivry, estarão incluídos numerosos capítulos de maior e mais actual interesse para a classe operária da França, de que destacamos: *A luta de classes agrava-se, o descontentamento aumenta na classe operária, a unidade progressa, imprensa sindicalista, a demagogia gaulista, as reivindicações essenciais, mão de obra emigrada, etc.*

Os trabalhadores portugueses terão, também, a sua representação neste Congresso sindicalista.

A REDUÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO SEM LIMITAÇÃO DE SALÁRIOS

(Continuação da pág. 1)

As associações operárias multiplicam-se. Seus fins : — melhorar os salários e reduzir a jornada de trabalho.

Cerca de 1840, um dos objectivos principais do movimento que reúne 100.000 operários e lança a greve geral em Paris, é a redução do tempo de trabalho a 10 horas por dia. Cedo os operários vão desempenhar um papel independente, opor-se à burguesia, e aparecer como classe no seio da História. A redução do tempo de trabalho continuará sendo um dos seus objectivos essenciais; eles procurarão sempre progredir neste domínio.

Em 1848, a classe operária, que acabara de fazer a Revolução de Fevereiro, obtem, uma semana depois dos últimos tiros, a redução a 10 horas da jornada de trabalho, em Paris. A lei (de então) castigará o patrão que não a aceitar. Mas a burguesia emprega-se a fundo a tentar retomar as vantagens pela força concedidas aos operários.

Após as jornadas de Junho de 1848, os operários são esmagados pelas tropas, as vantagens sociais conquistadas desaparecem.

A lei aumenta a jornada de trabalho, para 12 horas efectivas, com possibilidade de prolongamentos e uma ausência total de controle.

Em Março de 1871, um portentoso trovão sacode o mundo : — a classe operária parisiense toma o poder e proclama a « Comuna de Paris » que, apesar-da sua curta duração, consegue, contudo, proibir o trabalho nocturno nas padarias e reduzir para 10 horas a jornada de trabalho nas oficinas do Louvre.

Mas a heróica e imortal « Comuna de Paris » é esmagada pela reacção e pela burguesia, em Maio desse mesmo ano. Em três meses de existência, o primeiro governo proletário do mundo tinha feito mais pelos operários do que a burguesia num século inteiro!

Após a proclamação da III República, e apesar das proibições, formaram-se associações operárias e sindicatos, em grande número; a sua força pesa nas reivindicações.

Um primeiro sucesso é obtido em 1874 : — é proibido o trabalho nocturno dos jovens e das raparigas de menos de 21 anos, assim como fazer trabalhar em fábricas crianças de menos de 12 anos e fazer trabalhar mais de 12 horas diárias os menores de 16 anos.

Os trabalhadores franceses observam os sucessos obtidos pelos seus camaradas de outros países. Nos Estados Unidos, as organizações operárias tinham escolhido o 1º de Maio de 1886 como data a partir da qual nenhum operário deveria aceitar trabalhar mais de 8 horas por dia. Cinco mil greves se declararam, então. A repressão é violenta, a polícia dispara, 15 operários são mortos a tiro, 8 operários são enforcados pelas autoridades. Mas 375.000 operários obtêm as 8 horas, um milhão de outros verão diminuir a sua jornada de trabalho!

Num Congresso operário internacional reunido em Paris em 1889, decide-se que a partir de então o 1º de Maio será o dia de luta solidária da classe operária internacional. Durante um longo período, a jornada de 8 horas é a grande reivindicação que une os trabalhadores do mundo inteiro.

A partir de então, em França, o simples facto de preparar o 1º de Maio provocará um vento de pânico na burguesia.

Este artigo é tirado dum inquérito que « Vie Ouvrière » levou a efeito.

(Segue no próximo nº.)

ADERE à C.G.T.

Apelido Nome
Profissão Idade
Endereço
Empresa e local de trabalho
Data Assinatura :

Preenche esta proposta e entrega-a ao delegado C.G.T. onde trabalhas, ou envia-a à C.G.T. : 213, rue Lafayette, Paris-10º.